



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO PARA AS PESSOAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DA CIDADE BAIANA DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS**

José Veiga Vinal Junior

*Professor da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. E-mail: veigavinal@hotmail.com*

### **Resumo:**

Neste trabalho, fruto da pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos na UNEB, buscamos traçar algumas reflexões sobre o uso e aplicação do ensino de línguas estrangeiras como instrumento para emancipação de pessoas da EJA. Nesse processo apresentamos alguns depoimentos de alunos da EJA da cidade de Santo Antônio de Jesus na Bahia participantes de oficinas de formação de espanhol e inglês que corroboram para justificar a importância social do ensino e aprendizagem de LE.

**Palavras-Chave:** Ensino de Língua Estrangeira, EJA, Emancipação.

### **Introdução/Metodologia**

O ensino de Língua Estrangeira tem, portanto, um papel importante na formação interdisciplinar dos alunos jovens e adultos, na medida em que contribui para a construção da cidadania e favorece a participação social, permitindo que ampliem a compreensão do mundo em que vivem, reflitam sobre ele e possam nele intervir. Por outro lado, o desenvolvimento linguístico dos alunos ajuda-os a aperfeiçoar a leitura e a escrita, bem como a compreender as estruturas linguísticas e discursivas – inclusive da língua materna. (BRASIL, PCEJA, 2002, p.67)

A citação acima serve-nos para situar um dos principais fatores que motivaram o desenvolvimento desse trabalho que é um recorte da dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação de Jovens e Adultos da Universidade do Estado da Bahia em 2015. Essa motivação nasce do entendimento da importância social da língua estrangeira na vida das pessoas que fazem parte da educação de jovens e adultos.

Trazemos aqui nossa experiência junto a alunos da EJA da cidade de Santo Antônio de Jesus onde através de oficinas de formação oferecemos aulas de língua espanhola e inglesa e observamos os possíveis benefícios alcançados. Assim, explicitamos que o principal objetivo da pesquisa foi promover uma formação para o público da EJA que gerasse mudanças num nível acadêmico e social e conseqüentemente isso pudesse propiciar possíveis processos de emancipação.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para o desenvolvimento desse trabalho nos pautamos em uma pesquisa de caráter qualitativo, mais especificamente a pesquisa-intervenção estabelecida por Chizzotti (1991). Para o autor, a pesquisa-intervenção, de modo geral, visa algum tipo de mudança desejada; pressupõe uma tomada de consciência, tanto dos investigadores como dos investigados dos problemas próprios e dos fatos que os determinam para estabelecer os objetivos e as condições da pesquisa, formulando os meios de superá-los. Isto lembra-nos as palavras de Freire (1992, p.44), quando nos afirma que “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Para lograr isso, Chizzotti (1991) defende que se deve saber caracterizar o problema e “analisar as condições existentes, organizar processo, propor ações que tornem viáveis uma ação consequente e eficaz e, finalmente, avaliar de modo realista os resultados dos esforços feitos no sentido de solucionar as situações problemáticas e garantir a mudança possível (p.78). Em resumo, para Chizzotti, este tipo de pesquisa está subjacente à proposição de uma ação que participantes desejam executar para mudar algum aspecto da realidade.

Buscamos então traçar algumas reflexões que evidenciam a relação entre ensino de línguas e emancipação através de depoimentos de alunos da EJA da cidade de Santo Antônio de Jesus que participaram de oficinas de formação que oferecemos. Para a coleta de dados, ou seja, ou depoimentos, nos valem principalmente do uso de entrevistas semiestruturadas como principal instrumento.

Com o intuito de estabelecer um entendimento mais objetivo sobre a relação entre emancipação, ensino de línguas e depoimentos dos sujeitos da EJA, decidimos a princípio estabelecer 9 (nove) mecanismos que podemos julgar estar relacionados com ensino de línguas para a emancipação e que foram percebidos nos depoimentos desses alunos da EJA.

Para isso, valemo-nos da análise de conteúdo com base em Bardin (2011) para categorizar nove mecanismos, os quais nomeamos como: 1) Conhecimento cultural e intercultural 2) O acesso à leitura, 3) Fatores de ordem emocional: autoestima, 4) Fatores de ordem socioeconômica: mercado de trabalho, 5) Manejo de novas tecnologias, 6) Desenvolvimento da escrita, leitura e vocabulário em língua materna e 7) Opções de Lazer-entretenimento, 8) Percepção intercultural: gênero e raça, 9) Desenvolvimento de ações para a autonomia.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## Resultados/Discussão

A seguir trazemos nove (9) mecanismos que categorizamos com base nos depoimentos colhidos dos alunos da EJA e que acreditamos ter relação direta para a promoção de possíveis processos de/para a emancipação.

### 1. Conhecimento cultural e intercultural

*[...] olhe, realmente eu não tinha noção que o povo cubano fosse tão parecido com a gente [...] nunca podia imaginar que uma ilha, no meio do mar...e tão longe da gente pudesse ter algumas comidas tão parecidas, assim..as caras tão parecida..e até candomblé tem lá. (Dona Ana, 49 anos)*

*[...] eu não achava que estudando espanhol eu fosse ver tanta coisa interessante, eu mesmo te digo, tenho vergonha não, eu não sabia que na República Dominicana falasse espanhol. [...] achei muito interessante saber que no Caribe eles tiveram uma história muito parecida a nossa, esse negócio da mistura sabe? Branco, índio, negro...até isso também da escravidão foi igual à nossa. [...] ainda vou lá, quero ir...quem sabe antes de eu morrer. (Senhor Sérgio, 48 anos)*

*[...] não sabia nada do México. [...] gostei muito dos poemas daquele autor mexicano, eu gosto muito de escrever poemas, lendo aqueles em espanhol me deu vontade de escrever alguns em português. [...] ah e o dia dos mortos? Achei legal que lá eles fazem festa, aqui o dia de finados o povo leva flores, fica triste. (Dona Aparecida, 53 anos)*

As falas acima nos levam a refletir sobre a importância que reside no fato do professor de LE propor o contato do aluno brasileiro com objeto e manifestações da matriz africana na formação da cultura latino-americana, isso ajuda a criar possíveis laços, estabelecer comparações entre as culturas, facilitando assim a percepção do outro e possibilitando entender melhor a si mesmo e a sua cultura, de acordo com Lopes (1996) “A aprendizagem de uma LE, ao contrário do que podem pensar alguns, fornece talvez o material primeiro para o entendimento de si mesmo e de sua própria cultura, já que há o distanciamento crítico através da aproximação com uma cultura (*apud* MOTA, 2004, p. 40).

Mota (2004) e Celani (1997), defende que a educação multicultural pretende recontextualizar o papel da escola, discutindo a adoção de novos currículos multirreferenciais que venham a incorporar discursos historicamente silenciados e a desprezar aqueles potencialmente silenciadores e que é nessa proposta multicultural, que o professor de LE



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

redimensionará o seu papel profissional, distanciando-se de uma postura de alienação e aproximando-se de um comprometimento com a transformação social.

A cultura hispano-americana é riquíssima e trabalhar a interculturalidade na sala de aula é importantíssimo para o desenvolvimento do aluno. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de LE reconhecem a importância do estudo de outras culturas em sala de aula:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos culturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer tipo de discriminação baseado em diferenças culturais de classe social de crenças, de sexo de etnia ou outras características individuais e sociais. (BRASIL, 1998, p. 7)

Na visão de Freire a cultura é um fenômeno profundamente complexo e rico e engloba uma variedade de manifestações, compreende então que a cultura não é só a manifestação artística e intelectual que se expressa no pensamento. A cultura manifesta-se, sobretudo, nos gestos mais simples da vida cotidiana. Cultura é comer de modo diferente, é dar a mão de modo diferente, é relacionar-se com o outro de outro modo. O reconhecimento de uma bagagem cultural trazida e disposta na figura do analfabeto não era para Paulo Freire uma simples estratégia pedagógica. Esse entendimento trazia em seu cerne uma maneira de lidar com as diferenças culturais cujo processo não perpassava pelo simples respeito à diferença, mas, e sobre tudo enfatizava-se e estimulava-se a troca entre os diferentes sujeitos e os saberes presentes nas diversas relações pedagógicas.

### 2) O acesso à leitura:

*[...] eu peguei um cd bem antigo que minha filha tinha me dado, era um de Roberto Carlos, nem sabia se ainda funcionava. [...] ela sabia que eu gosto muito de Roberto Carlos, mas depois quando fui ouvir vi que era em uma língua que não conhecia [...] ela pegou o cd errado não viu que não era português. [...] na verdade eu descobri que era espanhol por causa daquela aula do senhor que o senhor trouxe a história da paloma blanca, aí me lembrei que tinha uma música chamada paloma no cd. [...] peguei o cd várias vezes, acompanhei as letras e vi várias palavras que o senhor ensinou aqui [...] já entendi que a música fala de uma pomba que bateu as asas e voou que na verdade a pomba é a mulher. (Dona Rai, 54 anos)*

*[...] sempre pensei em fazer ENEM, mas um dos meus medos era a prova de língua estrangeira. [...] depois dessas aulas de espanhol, aquelas aulas de significado, como é? Do vocabulário. Aqueles textos que vimos do ENEM ficaram bem fáceis, muitas palavras ali eu já conhecia. [...] tô pensando em colocar espanhol no ENEM. (Dona Jaci, 52 anos)*



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Alguns dos trechos encontrados nas falas acima se encaixam no que os PCN-LE defendem como a importância do desenvolvimento da compreensão leitora uma vez que esta será imprescindível aos alunos na hora de fazer provas, como o vestibular, admissão em cursos e concursos, compreender escritos acadêmicos, ou seja, uma habilidade que o aluno poderá utilizar em seu ‘contexto social imediato’, como podemos verificar nas seguintes palavras:

Note-se também que os únicos exames formais em língua estrangeira –vestibular e admissão a cursos de pós-graduação– requerem o domínio da habilidade de leitura. Portanto, a leitura atende, por um lado, às necessidades da educação formal, e, por outro, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato. Além disso, a aprendizagem de leitura em língua estrangeira pode ajudar o desenvolvimento integral do letramento do aluno. A leitura tem função primordial na escola e aprender a ler em outra língua pode colaborar no desempenho do aluno como leitor em sua língua materna. (BRASIL, 1998, p. 20)

Quando nos encontramos ministrando aulas para os jovens e adultos, é neste exato momento que temos de ter consciência de que todos e cada um de nós fazemos parte de um processo de aprendizagem que ajudará os alunos da EJA a desenvolver práticas de leitura e produção textual mais eficaz.

### 3) Fatores de ordem emocional: autoestima:

*[...] rapaz, quando falei que estava aprendendo inglês e espanhol o pessoal lá de casa olhou pra mim e fez hummmmm. [...] tô me sentindo, nunca achei que ia aprender essas línguas. (Dona Lucia, 57 anos)*

*[...] é um sentimento bom. Saber que posso entender aquilo que não entendia. Porque assim, a gente olha alguém falando estrangeiro e a gente pensa: poxa que pessoa importante! [...] e tipo, temos isso agora pra nós também. Me sinto realizada, feliz! (Dona Lara, 60 anos).*

*[...] sei lá a pessoa que fala idiomas é uma pessoa importante né? (Dona Jaci, 52 anos)*

A autoestima, por sua vez, é também um fator interno preponderante na aprendizagem de línguas. Ela vincula, dentre outros aspectos, fatores como inibição, extroversão, empatia, ansiedade, atitudes, egocentrismo, conforme salienta Lago (2000). Todas essas afetividades podem contribuir para o sucesso ou fracasso do aprendiz no contexto de aprendizagem, uma vez que o aluno, quando aprende uma língua, acaba por instaurar dentro de si alguns desses domínios afetivos. Lago (2000) considera o fato de a autoestima ser algo primordial no



processo, uma vez que quando elevada, se converte em segurança, encorajando e fornecendo ao aluno subsídios para desenvolver tarefas ainda maiores. Ao mesmo tempo em que, se ocorrer o contrário, o aluno diminuirá seu empenho, transformando o que era aprendizagem em atividade frustrante. A capacidade de aprender uma LE depende ainda de fatores externos, advindos da cultura de aprender que os alunos adquirem e carregam ao longo de toda sua experiência intelectual, cultural e social.

Flynn (1873 *apud* Finger, 2005, p.32), assegura que “diferenças de maturação entre os adultos e crianças não afetam significativamente a faculdade da linguagem”. Assim, essa proposição da autora parece desmitificar a ideia de que o maior empecilho no aprendizado de língua estrangeira seja a idade. Isso porque muitos adultos aprendem uma língua por vontade motivacional. Por sua vez, Stevick (1980, p.4) afirma que “o êxito no aprendizado de uma língua estrangeira depende menos dos materiais, técnicas, e análises linguísticas e mais do que ocorre dentro e entre as pessoas<sup>1</sup>”.

#### 4) Fatores de ordem socioeconômica-mercado de trabalho:

*[...] eu sei que quem sabe falar mais de uma língua tem mais chances de ter um emprego melhor. [...] poderia ter feito isso quando eu era mais nova, mas isso aí são outros quinhentos. [...] mas me lembro que um dia uma mulher olhou um currículo meu que minha filha fez e me perguntou se eu sabia algum idioma básico; eu não ia mentir né? Eu disse que não. [...] agora posso dizer que depois desses um ano sei algo de inglês e espanhol. (Dona Rute, 39 anos)*

*[...] o dono do restaurante que trabalho pela manhã que fui fazer uma entrevista é de família espanhola. [...] quando fui lá e disse que tinha noções básicas do espanhol. [...] até falei algumas coisas em espanhol, perguntei: Cómo te llamas? Cuál tu dirección? Qué te gusta hacer los fines de semana? [...] acho que isso que interessou, só sei que estou trabalhando lá. (Dona Marta, 37 anos)*

O ensino de um idioma estrangeiro, no que se refere às relações de trabalho e aos meios de profissionalização, deve estar diretamente relacionado e adaptado às novas necessidades do mercado e aos novos processos de comunicação que hoje dominam o mundo moderno. Como já foi dito em algumas partes desse trabalho, o ensino, neste caso, deve primar para uma ampla formação do indivíduo, de forma que ele possa apresentar um diferencial no meio profissional em que está inserido. Hoje, é essencial manter-se informado e, sobretudo, saber buscar informações pertinentes que nem sempre se apresentam em português ou ao menos apresentam tradução. De acordo com Witte, o profissional de hoje precisa manter-se

---

<sup>1</sup> Tradução nossa.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

informado “[...] em um mundo cada vez mais globalizado, um profissional de qualquer área [...] terá a necessidade de ler sobre todas elas –áreas–, e não somente sobre sua atividade de atuação, porque é preciso ter uma visão global do mundo”. (WITTE, 2006, p.23)<sup>2</sup>

### 5) Manejo de novas tecnologias

*[...] tem alguns sites que entro, tanto em espanhol como em inglês pra ver notícias, algumas receitas, dicas de moda, essas coisas assim. [...] sempre que posso, que tenho tempo vejo os jornais [...] tem o da Argentina, o da Espanha e um dos Estados Unidos [...] não entendo tudo, mas compreendo algumas coisas dos textos mais fáceis, o do espanhol entendo bem mais. (Senhor Paulo, 55 anos)*

As novas tecnologias e mídias fazem parte do cotidiano das pessoas da EJA, não se pode ter o preconceito em pensar que por serem indivíduos adultos e muitas vezes trabalhadores, estes não teriam necessidade de ter acesso às novidades tecnológicas e de mídia tão presentes no mundo globalizado que vivemos. Já no início do manual dos PCN-LCT, na parte destinada ao ensino de língua estrangeira, este traz as seguintes palavras “As línguas estrangeiras assumem a condição de ser parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado”. (Brasil, 2000, p. 25). Nessa perspectiva, os PCN-LCT atestam que o ensino da LE “tem como princípio geral levar o aluno a comunicar-se de maneira adequada em diferentes situações da vida cotidiana” (*Ibidem*, p. 26)

Também, além de ressaltar o caráter educacional e cultural do ensino e aprendizagem de língua estrangeira, os PCN-LE também reconhecem a importância econômica e social do domínio de língua estrangeira e de sua função frente a essa sociedade globalizada e diante de um mundo que se necessita dominar as habilidades para lidar com as novas tecnologias. (BRASIL, 1998)

Os PCN-LE explicitam de forma clara e contundente que o aluno pós-moderno precisa dominar a língua estrangeira para que este esteja inserido nesta sociedade da comunicação, podendo ter por intermédio da língua estrangeira acesso a bons estudos, boas oportunidades, bons empregos. Ou seja, “O desenvolvimento de habilidades comunicativas, em mais de uma língua, é fundamental para o acesso à sociedade da informação. Para que as pessoas tenham

<sup>2</sup> Tradução nossa.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

acesso mais igualitário ao mundo acadêmico, ao mundo dos negócios e ao mundo da tecnologia etc.” (*Ibidem*, p. 38)

#### **6) Desenvolvimento da escrita, leitura e vocabulário em língua materna:**

*[...] como eu tenho que me concentrar mais em espanhol pra não errar, as palavras ficam bem em minha cabeça, assim acabo aprendendo aquelas palavras que existem em português, mas que nem sempre uso muito e aí é como eu descobrisse aquela palavra, assim como os professores que falam difícil.* (Senhor João, 51 anos)

*[...] acho que estou pontuando bem melhor em português, assim quando faço as atividades de sala, de casa.* (Dona Maura, 56 anos)

*[...] se eu consigo já ler um texto em espanhol, isso dá mais segurança pra ler em português.* (Dona Luzia, 49 anos)

*[...] se lembra daquela regra das palavras em espanhol terminada em ción? Pois é, é só ver dali quem termina em ción que eu já sei que é muito provável, bem certo que em português termine com ç.* (Dona Clara, 60 anos)

As falas expostas nos remetem à defesa das OCEM quando afirmam que o ensino de LE está atrelado à questão do letramento além de promover processos de inclusão. Para as OCEM as aulas de LE possibilitam:

*[...] ressaltar a importância dessas; reafirmar a relevância da noção de cidadania e discutir a prática dessa noção [...] discutir o problema da exclusão no ensino em face de valores “globalizantes” e o sentimento de inclusão frequentemente aliado ao conhecimento de Línguas Estrangeiras [...] introduzir as teorias sobre a linguagem e as novas tecnologias (letramentos, multiletramentos, multimodalidade, hipertexto) e dar sugestões sobre a prática do ensino de Línguas Estrangeiras por meio dessas.* (BRASIL, 2006, p.87)

É perceptível que seus autores afirmam que a aprendizagem de leitura em língua estrangeira auxilia no processo do desenvolvimento global do letramento do aluno. A leitura, nesse sentido, tem função essencial na escola e aprender a ler em língua estrangeira pode ajudar no manejo do aluno como leitor em sua língua materna (Brasil, 1998). Os PCN-LE afirmam que: “[...] a aprendizagem de leitura em língua estrangeira pode ajudar o desenvolvimento integral do letramento do aluno” (BRASIL, 1998, p. 20).

#### **7) Opções de Lazer-entretenimento:**



*[...] estamos programando ir em Salvador. [...] quando formos lá, quero ir num shopping que gosto muito, naquele que fica perto do hospital Sara. [...] e já disse ao pessoal que quero ver um filme em espanhol ou que eles peguem um filme em espanhol para mim, pra eu ver em casa mesmo. (Dona Livia, 58 anos)*

A PCEJA de língua estrangeira corrobora com o depoimento exposto acima quando afirmam que:

Para a aquisição de novos saberes, o professor deve valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, pois a partir daí eles poderão construir concepções mais elaboradas, sistematizadas pelo trabalho escolar. Especificamente no contexto da EJA, o ensino de Língua Estrangeira amplia as possibilidades de ascensão profissional, as opções de lazer, o interesse pela leitura e pela escrita e a percepção da escola como um contexto para a constituição da identidade do aluno. (BRASIL, PCEJA, 2002, p.68)

Além do mais, o ensino de uma língua estrangeira:

Proporciona uma perspectiva mais abrangente de situações de lazer, permitindo que os jovens e adultos possam tirar maior proveito da leitura de livros, jornais e revistas, compreender melhor filmes, telejornais, documentários, entrevistas, novelas etc. Além disso, aumenta a amplitude do universo estético, pela leitura de diferentes obras – não necessariamente na língua estrangeira, mas também em traduções. (*Ibidem*, p.68)

## **8) Percepção intercultural: gênero e raça:**

*[...] a situação de Cuba ainda é bem difícil. [...] a mulher cubana é como a gente aqui, dona de casa, mãe, lutadora. (Dona Marta, 37 anos)*

*[...] não imaginava que em outros lugares da América acontecesse discriminação com pessoas negras assim como acontece aqui. [...] até lá a pele negra sofre preconceito. (Dona Edna, 39 anos)*

*[...] o dominicano tem uma alegria como a nossa. [...] os ritmos são dançantes como no Brasil. [...] somos muito parecidos, as cores, as pessoas, a música. [...] é o sangue negro, é a herança africana aqui como na gente. (Senhor João, 51 anos)*

O ensino de línguas para a EJA precisa proporcionar a multiplicidade de olhares, não um mundo hispânico composto somente da realidade da Espanha ou de um país em detrimento do outro. Nesse contexto, o mundo hispânico, antes composto só de Shakira, Alejandro Sánz,



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Maná, flamenco e tourada, ganha dimensões bem maiores, complexas e profundas, possibilitando um leque maior de novas caras, novas músicas, novas cores, novas letras, novos sabores e saberes. Para Mota:

Desenvolver a multiplicidade de olhares na percepção das culturas estrangeiras; redescobrir os valores culturais das identidades de origem dos aprendizes; viabilizar um intercâmbio constante entre as múltiplas identidades que permeiam os universos pessoais e profissionais de cada indivíduo; afirmar o posicionamento político de minorias marginalizadas. (2004, p. 48-49)

Nesse processo, um dos grandes desafios é desvelar, desfazer, desconstruir os estereótipos raciais e a antiga visão herdada da colonização do ‘racismo cordial’. Isso perpassa pelo reconhecimento das diferenças como um elemento fundante e primordial de qualquer sociedade democrática. Para Cardoso, os estereótipos são “imagens-rótulos que as pessoas de um grupo/cultura atribuem às pessoas de outro grupo/cultura baseadas em argumentos não comprovados. “[...] Os estereótipos podem ser positivos ou negativos e são aplicados a todos os membros do grupo sem consideração por diferenças individuais” (Cardoso, 1996, p. 18). Os PCN de LE (Brasil, 1998), nesse sentido, defendem que essas ações que são bases essenciais para se pensar em uma educação intercultural devem antes de tudo ter seu apoio na escola. A questão do entendimento e importância da pluralidade cultural e os mecanismos para a interculturalidade tem no papel da escola um objeto fundamental.

### 9) Desenvolvimento de ações para a autonomia

[...] posso fazer minhas leituras sem precisar ficar presa em que alguém esteja ali do meu lado, dizendo tudo que preciso fazer. [...] posso ouvir algo e entender, por mim mesma [...] até penso quando me aposentar ir pra fora, fazer uma viagem e nisso não preciso ter medo de não ir porque vou precisar de alguém pra mim traduzir as coisas, tipo falar por mim. (Dona Lívía, 58 anos)

De maneira geral acreditamos que todas as oito categorias indicadas incidem para e na nona categoria. Entendemos nesse processo que todos os mecanismos abordados permitem processos emancipatórios para as pessoas da EJA. Em relação à questão específica da autonomia os PCN-LE reconhecem várias vezes a importância do ensino e aprendizagem da língua estrangeira afirmando que esta:

[...] contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna. Ao mesmo tempo, ao promover uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, contribui para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão da(s) cultura(s) estrangeira(s). (BRASIL, 1998, p.37)

### Conclusão

Podemos comprovar com base nos depoimentos expressados que de fato o ensino e aprendizagem de línguas pode servir como um instrumento gerador de emancipação. Entendemos que tais resultados só é possível se relação os cursos de licenciatura em língua estrangeira investirem em uma formação docente adequada para a EJA. Entendemos que um ensino de línguas que gere esses depoimentos, ou seja, em nossa opinião, que gere emancipação, precisa antes, necessariamente, conhecer os sujeitos que compõe essa EJA. O licenciando nas áreas de LE precisa ter acesso em seu processo formativo a discussões, assuntos, temáticas e reflexões que tratem sobre a EJA.

Assim, entendemos que essa formação que pode gerar uma aula de LE significativa para a EJA perpassa por um currículo que contemple o componente da EJA dentro dos cursos de LE. Sem isso, não há como promover tal formação. Ou que no mínimo essa universidade proponha cursos de formação continuada, oficinas ou outros cursos de extensão que oportunize esse contato. Na nossa opinião é muito difícil promover emancipação sem formação adequada.

Isso nos leva quase que de maneira natural a uma outra reflexão, que reside em perceber que para se conseguir uma resposta positiva como essa que tivemos com esses alunos da EJA da cidade de Santo Antônio de Jesus é necessário investir na formação docente. Isso demanda então a necessidade da inserção da EJA nos currículos dos cursos de licenciatura em língua estrangeira. Só assim é possível entender as metodologias que sejam significativas a ser empregadas nas aulas de LE para EJA uma vez que em posse desse conhecimento o professor entenderá as necessidades e especificidades das pessoas da EJA.

### BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: conhecimentos de línguas estrangeiras.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. (2006)



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira — 5a.- 8a. séries.** MEC. Brasília. (1998)

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino médio — parte II: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** MEC. Brasília. (2000)

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do Ensino Fundamental – 5ª a 8ª séries.** Brasília: MEC/SEF. (2002).

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa. Ed. Personal. (2011)

CARDOSO, C. **Educação Multicultural – Percursos para Práticas Reflexivas.** Lisboa: Texto Editora. (1996)

CELANI, M. A. A. Ensino de línguas estrangeiras: olhando para o futuro. In: CELANI, M. A. A. (org.) **O ensino de segunda língua: redescobrimo as origens.** São Paulo: EDUC, p. 147-161. (1997)

CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.** Ed. Cortez, São Paulo. (1991)

FINGER, I. **Sobre a relação entre GU e aquisição de Segunda Língua.** Artigo, PUCRJ. (2005)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Disponível em <http://forumeja.org.br/files/PedagogiadoOprimido.pdf>. (1992a). Último acesso 15/04/2015

LAGO, S.N.A do. Explorando a auto-estima na aquisição de segunda língua. In: MELLO, H.A.B; DALACORTE, M. C. F. (Org.). **A sala de aula de língua estrangeira.** Goiânia: Editora UFG, p.83 - 100. (2000)

MOTA, Kátia. **Recortes Interculturais na Sala de Aula de Línguas Estrangeiras.** Bahia: editora da UFBA (2004)

STEVICK, R. **Teaching languages: a way and ways.** Oxford: OUP. (1980)

WITTE, Roberto Ewald. **Business English: a practical approach.** 2.ed. São Paulo: Saraiva. (2006)